

LITERATURA NEGRA: ESPALHANDO SEMENTES BAOBÁS

BLACK LITERATURE: SPREADING BAObAH SEEDS

DOI: 10.18616/lendu.v9i2.10657

Maria Aparecida Rita Moreira¹
cida25fevereiro@gmail.com

RESUMO

Este texto propõe um diálogo entre literatura, educação e relações étnico-raciais, com ênfase no enfrentamento do apagamento histórico de escritoras e escritores negras e negros no campo literário brasileiro. O texto é produzido na ambiência de uma pesquisadora e militante do movimento negro e articula proposições que emergem desses dois espaços de atuação: de um lado, a pesquisadora que investiga a categorização e os identificadores da literatura negra; de outro, a militante que se coloca nos embates políticos e pedagógicos para que a implementação da Lei nº 10.639/2003 se efetive nas escolas brasileiras, deixando de operar como uma legislação que, embora vigente, permanece ineficaz. O estudo organiza-se em duas seções: a primeira discute as disputas em torno da adjetivação e categorização da literatura negra; a segunda apresenta poemas de escritoras negras, evidenciando como essas produções dialogam com as vivências da população negra em uma sociedade brancocêntrica. Destinado, sobretudo, à formação inicial e continuada de educadoras, o estudo problematiza a urgência da descolonização do currículo escolar. Conclui-se que a valorização, a circulação e a inserção pedagógica da literatura negra constituem atos políticos fundamentais para a revisão do cânone literário, para o fortalecimento de práticas antirracistas na educação e para a efetivação substancial da Lei nº 10.639/2003.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura negra; Educação antirracista; Lei nº 10.639/2003; Descolonização do currículo

ABSTRACT

This study proposes a dialogue about literature, education, and ethnic-racial relations, with an emphasis on confronting the historical erasure of black women and men writers in the Brazilian literary field. The text is produced within the context of a researcher and activist of the black movement and articulates propositions that emerge from these two spheres of engagement: on the one hand, the researcher who investigates the categorization and identifying markers of black literature; on the other, the activist who engages in political and pedagogical struggles to ensure that the implementation of Law

¹ Doutora em Literatura pela Universidade Federal de Santa Catarina. Professora aposentada da Rede Estadual de Santa Catarina. Sócia fundadora da Associação de Educadoras/es Negras/os de Santa Catarina – AENSC, presidenta da AENSC mandato (2019-2021/2021-2023/2026-2027), integrante do grupo de pesquisa LITERALISE - Grupo de pesquisa em Literatura Infantil e Juvenil e Práticas de Mediação Literária, da Universidade Federal de Santa Catarina, (UFSC/CNPq), membra da Associação Brasileira de Pesquisadores Negros (ABPN). Escritora de livros infantis e roteiristas de dois documentários: “Toque de Melanina - Legado de Resistência.” (2017) e “Paulina Chiziane - do mar que nos separa à ponte que nos une” (2020).

No. 10.639/2003 becomes effective in Brazilian schools, rather than functioning as legislation that, although in force, remains ineffective. The study is organized into two sections: the first, discusses the names researchers give to black literature and how to categorize it; the second, presents poems by black writers, demonstrating how these works dialogue with the lived experiences of the black population in a white-centered society. It intended primarily for the initial and continuing education of educators, the study problematizes the urgency of decolonizing the school curriculum. As conclusion, it is possible to infer that the recognition, circulation, and pedagogical incorporation of black literature constitute a fundamental political act for revising the literary canon, strengthening anti-racist practices in education, and substantively implementing Law No. 10.639/2003.

KEYWORDS: Black literature; Anti-racist education; Law No. 10.639/2003; Curriculum decolonization.

ESCURECENDO O TEXTO

De acordo com a norma culta da língua portuguesa, o substantivo masculino é empregado como regra padrão e tradicionalmente aceita, ou seja, quando nos referimos a um grupo composto por indivíduos de ambos os sexos, a forma masculina é a utilizada. Rompendo com esse paradigma, ao longo deste texto, utilizarei substantivos femininos para generalizar, por ser um texto escrito por uma mulher e como forma de pensarmos as mulheres como protagonistas da educação brasileira. Saliento, no entanto, que não pretendo excluir o público masculino, pelo contrário quero que leiam e reflitam sobre as questões aqui apresentadas, iniciando-se por este pequeno preâmbulo.

PRESENÇA NEGRA NA LITERATURA

Analisando o contexto brasileiro, quando penso na forma como o racismo se estrutura, a inserção do debate sobre a temática étnico-racial na literatura pode ser considerada uma das formas de ler o racismo na sociedade, ou melhor, pensar a existência de uma literatura negra contribui para a desconstrução de um espaço branco, masculino, de classe média e ajuda a entender por que pessoas negras não foram inseridas nesse espaço como escritoras e/ou protagonistas.

O movimento negro vem, ao longo dos anos, buscando inserir a população negra nos diferentes lugares, sendo possível citar Abdias Nascimento, que, com o Teatro Experimental do Negro (TEN), movimentou pessoas negras, auxiliando-as no processo de alfabetização e inserindo-as no espaço da dramaturgia. Na literatura, vale destacar o movimento realizado por Cuti (Luiz Silva), Oswaldo de Camargo, Paulo

Revista Linguagem, Ensino e Educação, Criciúma, v. 9, n.2, jul. dez. 2025

Colina, Abelardo Rodrigues, Esmeralda Ribeiro, Mirian Alves, entre tantas outras e outros que, no final da década de 1970, reuniram-se para editar os “Cadernos Negros”, que desde 1980 até a presente data, reúnem contos e poemas (alternadamente), em edição anual, de diferentes escritoras negras.

Este texto pretende dialogar com a literatura e, portanto, poderia apenas pontuar alguns poemas, tarefa esta que já abordaria a Lei nº10.639 (Brasil, 2003), uma vez que ela grifa literatura em seu parágrafo 2º, mas, para além disso, desejo assinalar o apagamento das escritoras negras, trazer seus textos, escritas de um “eu” que percebe a sociedade pelo olhar da negritude.

Este texto tenciona trazer a voz poética – que fala de nós (pessoas negras) para nós (pessoas negras) – e, ao mesmo tempo, ao falar de nós, gritar que a desconstrução do racismo é uma responsabilidade de todas as pessoas e que pessoas brancas precisam se comprometer urgentemente com essa demanda e, nesse sentido, o texto se direciona a pessoas brancas.

É importante lembrar que o texto deseja, também, e talvez principalmente, ser lido por futuras educadoras e, concomitantemente, por aquelas que já estão atuando nos espaços educacionais, sem excluir todas as pessoas que gostam de literatura, pois o texto literário permite que o ser humano reflita e, consciente ou inconscientemente, tenha novas percepções.

A literatura, durante séculos, vem sendo utilizada de diferentes maneiras: para educar, para sonhar, para conhecer, para fabular... Nessa caminhada, foi recebendo adjetivos, nem sempre bem aceitos pelos críticos. Dentre esses adjetivos, literatura negra, literatura afro-brasileira, literatura afrodescendente, entre outras.

Segundo Eduardo de Assis Duarte (2011), a literatura afro-brasileira é um conceito em construção. Nesse sentido, quando se pensa em educação escolar, vale ressaltar a importância da desconstrução do currículo, é imaginável a dificuldade de agregar nos espaços educacionais o que determina a Lei nº 10.639, uma vez que cumprir a Lei significa descolonizar o currículo e, conseqüentemente, optar por um ensino de literatura capaz de perceber os estereótipos relacionados às negras. Romper com eles é tarefa que está diretamente relacionada a um posicionamento antirracista, que nem sempre constitui as pessoas envolvidas no processo educacional.

A desconstrução do currículo é urgente e necessária, mas, para que isso aconteça, não se pode perder de vista o investimento na formação inicial e continuada

das professoras. No caso específico da literatura negra, é necessário averiguar se essas profissionais já se apropriaram das discussões que permeiam a problemática racial no país e, conseqüentemente, se, ao se depararem com essa temática em textos literários, conseguem questionar com suas crianças e jovens as desigualdades sociais provocadas pelo racismo. Tais considerações levantam algumas indagações: quantas professoras tiveram em sua formação inicial contato com a literatura negra? Quantas Instituições de Ensino Superior (IES) já atualizaram seus currículos e incluem essa disciplina no curso de Letras e de Pedagogia?

Partindo desse ponto, divido este texto em duas seções: na primeira, falarei sobre a literatura negra e seus identificadores, para que se possa perceber o que as pesquisadoras estão levando em conta quando pensam a literatura negra, de que forma é possível reconhecê-la; na segunda, trarei alguns poemas, no intuito de demonstrar de que forma essa literatura dialoga com as vivências das pessoas negras e com seu existir em uma sociedade brancocêntrica.

1 EXPLORANDO TRAÇOS DE LITERATURA NEGRA

O primeiro ponto que gostaria de trazer é a hifenização/adjetivação da literatura para contemplar o protagonismo negro, tanto na autoria quanto na construção do texto. Encontram-se, nesse universo, aquelas que negam toda e qualquer adjetivação da literatura, afirmando que existe apenas a literatura brasileira, e as que desdobram a literatura, possibilitando questionar sua universalidade. No que diz respeito à literatura negra especificamente, vale ressaltar as palavras de Abdias Nascimento:

Enquanto os objetivos não forem alcançados, eu acho que tem que haver a literatura afro-brasileira, a poesia afro-brasileira, o teatro afro-brasileiro ou teatro negro, porque, do contrário, essa dicotomia, esse passo retardado da comunidade afro-brasileira continuará atrás, porque não há mecanismos para fazer o igualitarismo funcionar. (2011, p. 13)

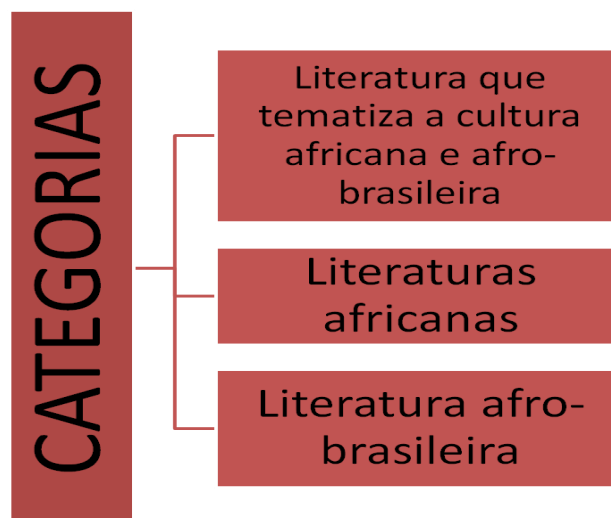
Nascimento (2011) justifica a necessidade dessa adjetivação, lembrando a invisibilidade das pessoas negras nas diferentes atividades na sociedade brasileira. Acrescento a esse pensamento as palavras de Eduardo de Assis Duarte, quando afirma que “essa literatura não só existe como se faz presente nos tempos e espaços históricos de nossa constituição enquanto povo; não só existe como é múltipla e diversa” (2010, p. 113).

Sendo assim, partindo do ponto de vista de que a adjetivação se faz necessária como política de reconhecimento, sigo para o próximo ponto, a literatura negra e seus identificadores.

No intuito de refletir sobre a situação da escrita feita por e sobre os sujeitos negros no Brasil, inicialmente, apresento os textos de Proença Filho (2010) e Maria Nazareth Soares Fonseca (2011). Proença Filho destaca que, no interior da literatura brasileira, se encontram “dois posicionamentos: *a condição do negro como objeto, numa visão distanciada, e o negro como sujeito, numa atitude compromissada*” (grifo do autor, p. 43). Fonseca (2011), por seu turno, faz alusão a essa classificação de Proença Filho, bem como destaca os textos literários por ele mencionados, que conduzem para o primeiro posicionamento, com “valores e visão forjados no âmbito da escravidão” (Fonseca, 2011, p. 255). Ou seja, segundo Proença Filho e Fonseca, são textos literários *sobre* o negro. O segundo posicionamento (*o negro como sujeito*), por sua vez, está presente em textos com uma visão positivada, representada em uma literatura *do* negro.

Segundo nessa linha, exponho as categorias citadas por Eliane Debus, em seu livro *A temática da cultura africana e afro-brasileira na literatura para crianças e jovens* (2017). No primeiro capítulo desse livro, Debus menciona três categorias para os textos literários que abordam a temática étnico-racial e que “circulam atualmente no mercado editorial brasileiro” (2017, p. 33). Essas categorias estão representadas no Gráfico 1:

Gráfico 1: Categorias para pensar a temática étnico-racial na literatura de acordo com Eliane Debus (2017)



Fonte: Elaborado pela autora com base em Debus (2017).

Nesse caso, é importante chamar a atenção ao fato de que, em seu livro, a autora dialoga com a literatura para a infância e juventude, ressaltando que “essa discussão é ainda novidadeira” (Debus, p. 33). Ao tratar dessas categorias, Debus (ibidem) denomina: literatura que tematiza a cultura africana e afro-brasileira como aquela relacionada a textos escritos por escritoras não negras; literatura afro-brasileira como a de autoria negra; e literaturas africanas como a escrita por escritoras do continente africano.

Essa categorização permite às professoras o reconhecimento de diferentes títulos, evitando principalmente a inclusão de textos literários africanos no rol de literatura negra brasileira. Portanto, não se podem classificar todos os textos literários, mesmo que relacionados à temática étnico-racial, como literatura negra brasileira. Essa distinção é, sem dúvida, o ponto de partida para se trabalhar literatura negra no espaço escolar, evitando que atividades desenvolvidas com um livro de Paulina Chiziane (escritora moçambicana), por exemplo, sejam apresentadas como literatura negra brasileira.

Ainda sobre as literaturas africanas, é importante demarcar os países que fazem parte do continente africano, pois isso não significa que, se um texto não for brasileiro, será africano, lembrando que teremos literatura negra escrita nos Estados Unidos, na França, no Uruguai...

Dito isso, reforço a importância da categorização feita por Eliane Santana Dias Debus (2017) e penso ser ela de grande valor pedagógico, facilitando à professora o trabalho com a Educação para as Relações Étnico-Raciais (ERER) e literatura, auxiliando na organização de seu planejamento. Por outro lado, ao lidar com essas categorias nas formações de professoras, percebo que a utilização apenas das categorias é insuficiente para um diálogo mais aprofundado com a ERER. Abro um parêntese para lembrar que, na literatura para a infância, por exemplo, imagem e texto interagem. As categorias precisam olhar para essas linguagens, percebendo-as como possíveis de desconstruir ou manter os racismos presentes nos diferentes espaços de nossa sociedade.

Quando em contato com essa literatura, percebe-se o movimento da ilustradora como coautora, sendo sua a responsabilidade o texto visual, que deve, necessariamente, estar comprometido com a linguagem antirracista. Nesse sentido, a

pesquisadora Mariana Silva Sousa, dialogando com Maria Aparecida Bento, observa que:

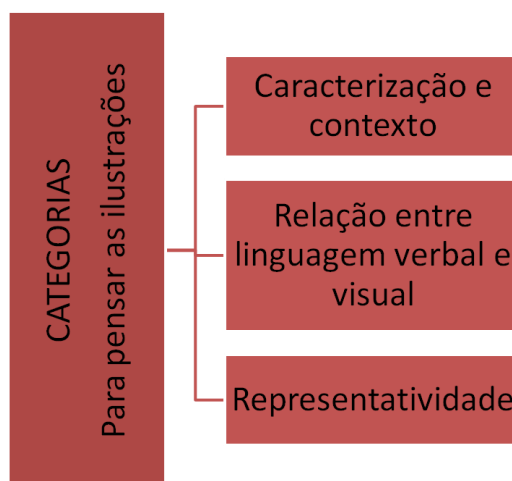
Para Bento (2012), um indivíduo necessita de imagens positivas sobre si mesmo para seu adequado desenvolvimento, pois, caso isso não ocorra, a agressividade presente nas emoções direciona-se ao próprio ‘eu’ e ocasiona danos psíquicos. Quando uma criança visualiza ou ouve que é feia e seus traços são associados ao animalesco e à inadequação, isso compromete gravemente sua formação identitária. (2021, p. 22)

E prossegue, lembrando que:

Também vale ressaltar que a presença de tais imagens expostas demonstra a naturalização da pessoa negra como um sujeito menosprezado, por parte dos/das responsáveis pela exposição. Trata-se de um indício da ausência de práticas antirracistas e formação sobre a questão racial no contexto do ensino da arte, enfatizando que o campo requer maior comprometimento com práticas que colaborem para uma visão crítica acerca das relações raciais no Brasil e que evitem discriminações. (ibidem)

Essa autora reforça o olhar crítico para as ilustrações e elabora três categorias de análise que registro no Gráfico 2:

Gráfico 2: Categorias que auxiliam a pensar a ilustração de acordo com Mariana Silva Souza (2021)



Fonte: Elaborado pela autora com base em Souza (2021).

Finalizo este parêntese sobre a ilustração, apontando que este me parece um caminho aberto ao debate, pois nosso olhar atento reverbera o cuidado com que seremos representadas, e a linguagem visual precisa, da mesma forma que a linguagem verbal, fortalecer a identidade das crianças, das jovens e das pessoas adultas negras.

Avançando nas categorias expostas anteriormente, chego ao texto do professor Eduardo de Assis Duarte “Por um conceito de literatura afro-brasileira” (2011), que traz cinco identificadores para reconhecer a literatura afro-brasileira, conforme segue:

Gráfico 3: Identificadores da literatura afro-brasileira de acordo com Eduardo de Assis Duarte (2011)



Fonte: Elaborado pela autora com base em Duarte (2011).

A partir da leitura do volume 4 da coleção “Literatura e afrodescendência no Brasil: antologia crítica” (Duarte; Degastagne, 2011), percebemos que, nas entrevistas, existe uma pergunta comum, que instiga as entrevistadas a responderem sobre o que identifica uma literatura afro-brasileira. Assim, Oswaldo de Camargo, por exemplo, cita autoria e ponto de vista:

No meu ver, a literatura negra se realiza quando o autor, voltando para a sua pessoa e sua vida como autor de origem negra, escreve em torno dessa experiência específica. Dois dados: **ele é negro**, ele voltou-se para dentro de si mesmo, olhando-se, e **ele vai se referir a essa experiência** de que só ele é dono. (Camargo, 2012, p. 40 Grifo meu)

Cuti traz quatro identificadores: público; autoria; ponto de vista; e linguagem.

[...] o importante seria uma *inconsciência negra*, algo que não é resultado de mera elaboração intelectual, algo que, por ter sido já elaborado, vai além dela. Pertence mesmo ao estar-no-mundo. [...] Refiro-me a algo mais abrangente, que envolve o presente e o futuro. **Uma mãe negra, diante do que é ser negro no Brasil, pensa no futuro de seus filhos.** [...] o **ensejo do destinatário** e a *inconsciência negra*. [...] (Cuti, 2012, p. 55-56 Grifo meu)

Por sua vez, Conceição Evaristo cita a autoria, o ponto de vista e a linguagem como identificadores dessa literatura.

[...] elemento vital na constituição de uma literatura afro-brasileira – a **autoria**. Como pensar a literatura afro-brasileira no que diz respeito a sua autoria? E para discutir essa questão, vou partir de meu exercício como escritora. Eu sou uma escritora brasileira, mas não somente. A minha condição de brasileira agrega outras **identidades** [...] a de mulher, a **de negra**, [...] que **orientam a minha escrita consciente e inconscientemente**. (Evaristo, 2012, p. 114)

A importância do levantamento dessas respostas se estabelece como um alerta de que o cânone precisa ser revisitado a fim de que professoras desavisadas não considerem a temática isoladamente, como critério de identificação da literatura negra brasileira, mas que reflitam sobre o ponto de vista e a linguagem com que as personagens negras são apresentadas no interior da narrativa. Portanto, o compromisso da professora, como agente mediadora, toma uma nova dimensão, a de desnudar essas narrativas com um olhar atento e descolonizado.

Adentrando um pouco mais nos identificadores apresentados por Duarte (2011), é possível dizer que: A temática, o tema pode estar relacionado ao presente ou ao passado. Consequências do pós-abolição: o subúrbio, a favela, a crítica ao preconceito e ao branqueamento, a marginalidade, a prisão (Duarte, 2011, p. 387). Pode, ainda, estar ligada ao resgate do povo negro na diáspora, à glorificação de seus heróis, entre outros fatos relacionado as suas lutas, dores, conquistas... A autoria, já anunciada por Debus (2017), texto escrito por pessoa negra. Nesse ponto de vista, na perspectiva da literatura afro-brasileira (negra brasileira), retoma-se o pensamento de Conceição Evaristo (2011), citado nas reflexões sobre autoria, complementando-o:

O texto nasce de quem? Explicando melhor: para mim, a autonomia da literatura afro-brasileira em relação ao sujeito autor/a é relativa, e muito. O ponto de vista que atravessa o texto e que o texto sustenta é gerado por alguém. Alguém que é o sujeito autoral, criador/a da obra, o sujeito da criação do texto. (p. 115)

A Linguagem, segundo Duarte, “[...] uma discursividade que ressalta ritmos, entonações e, mesmo, toda uma semântica própria, empenhada muitas vezes num trabalho de ressignificação que contraria sentidos hegemônicos na língua” (2011, p. 394). O público a que se destina a literatura afro-brasileira é aquele que irá comungar com o narrador as experiências trazidas nos textos literários. Portanto, o escritor, ao desenvolver uma narrativa afro-brasileira, certamente, o faz imbuído dos sentimentos

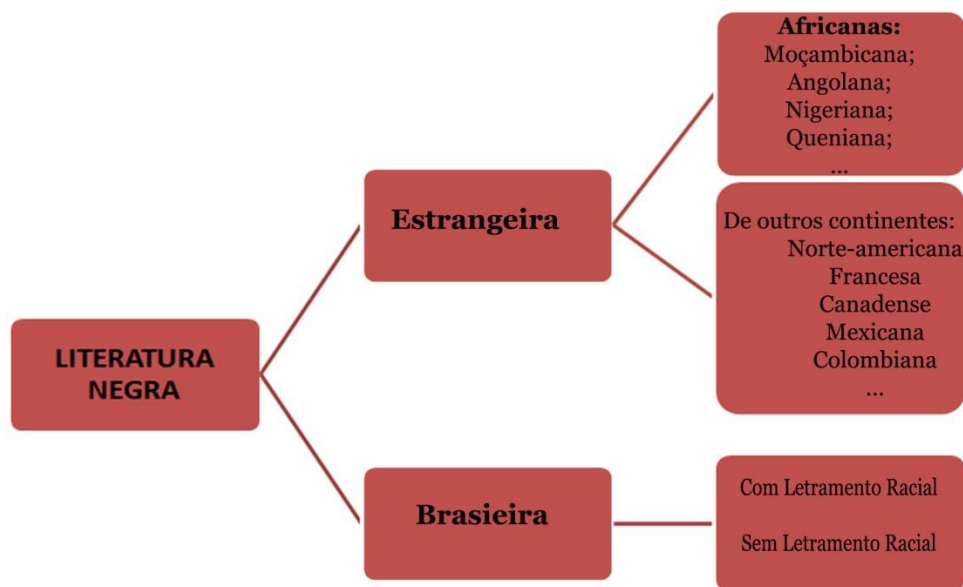
dos fundadores dos Cadernos Negros, que revelam que: “— Havia a necessidade de ser a própria voz e ser também a voz daqueles que não tinham voz” (Costa, 2008, p. 23).

Considero os identificadores trazidos por Duarte importantíssimos para que possamos olhar os textos literários com personagens negras e refletirmos se podem ser lidos como literatura negra.

Nos dilemas das interfaces da literatura negra, deparei-me com outros questionamentos: toda literatura de autoria negra é uma literatura negra? Uma pessoa branca consegue escrever uma literatura negra? O termo “literaturas africanas” será o mais adequado para as literaturas escritas no continente africano? Essas perguntas me levaram ao aprofundamento das categorias existentes e à criação de outras, que me auxiliaram a pensar a literatura negra e as literaturas africanas, nesse primeiro momento, a literatura que tematiza a cultura africana e afro-brasileira não está inserida nessa reflexão.

Para facilitar a compreensão, apresento o Gráfico 4 que detalha a literatura negra, expandindo as categorias mostradas anteriormente:

Gráfico 4: Categorias da literatura negra - aprofundamento



Fonte: Elaborado pela autora.

As categorias aqui apresentadas pretendem dar conta das literaturas negras brasileiras e estrangeiras. Ao pensar as literaturas negras escritas fora do Brasil, primeiramente trago as literaturas escritas no continente africano e chamo a atenção para que elas sejam identificadas a partir do país no qual elas estão localizadas

(Moçambique – moçambicana; Nigéria – nigeriana, e assim subsequentemente). Para esse segmento, é relevante frisar que já é possível encontrar no Brasil literaturas moçambicanas, nigerianas, zimbabueanas, quenianas, entre outras, escritas por pessoas negras, destacando a editora Kapulana como espaço para compra de textos literários e teóricos desses países. Depois, menciono as literaturas negras escritas em outros países: Uruguai, México, França, Estados Unidos, marcando, da mesma forma o país de origem e, finalmente, a literatura negra-brasileira, escrita por escritoras negras.

Quando apresento a literatura negra brasileira, ressalto, finalmente, a importância de levarmos em consideração os identificadores apresentados por Eduardo de Assis Duarte, ou seja, uma literatura negra é escrita por pessoa negra (autoria); pode versar sobre o resgate do povo negro na diáspora, a glorificação de seus heróis, a denúncia da escravização e suas consequências, apresentar os mitos e as lendas do povo negro, reavivando a tradição oral, recuperar a memória ancestral, trazer aspectos religiosos (temática); Moreira (2014) cita o professor Eduardo (2011) ao *escurecer* que há uma identidade histórica, cultural nos textos literários tecidos por mãos negras, percebe-se uma visão de mundo própria, distanciada da visão eurocêntrica (ponto de vista); Evaristo ressalta que “[...] vocábulos e expressões são pesquisados e conscientemente testados, ensaiados no interior do texto [...]” (2011, p. 111) (língua); e a escrita é pensada para leitoras negras, mas não apenas, como bem define Cuti: “[...] nós estamos possibilitando ao leitor branco a possibilidade do estranhamento, [...]. E quando eu falo do branco, eu não estou falando do branco epidérmico, eu estou falando até de um negro que se sente branco, que está arraigado a essa brancura [...]” (2011, p. 67) (público).

Nessa seção apresentei a literatura negra “novidadeira” (Debus, 2017), classificando-a (Debus, 2017), identificando-a (Duarte, 2011; Moreira – reflexões). É uma seção direcionada, principalmente, às professoras e pesquisadoras interessadas em pensar a literatura negra. Na próxima seção, exemplificarei essa literatura, justificando sua importância na desconstrução das desigualdades e na promoção da equidade.

2 LITERATURA NEGRA: APRENDIZAGENS E DESCONSTRUÇÃO

Ab(dias) de lutas e não dias de luto.
Um homem como Abdias,
estrela incandescente,
não morre.
[...]
A sua luta
Ziguezagueia
D'África à diáspora
Espalhando sementes baobás
Em cada uma/um de nós.

Conceição Evaristo

Poderia começar esta seção falando do excerto do poema de Conceição Evaristo, epígrafe acima apresentada, mas prefiro iniciar dissertando, brevemente, sobre o direito à literatura, citado por Antonio Candido:

Vista deste modo, a literatura aparece claramente como manifestação universal de todos os homens em todos os tempos. Não há povo e não há homem que possa viver sem ela, isto é, sem a possibilidade de entrar em contato com alguma espécie de fabulação. Assim como todos sonham todas as noites, ninguém é capaz de passar as vinte e quatro horas do dia sem alguns momentos de entrega ao universo fabulado. (2004, p. 174)

Vamos pensar, quais literaturas vêm à mente, quando falo da universalidade da literatura? Quais escritoras são citadas dentro desse contexto? Quais leitoras estão dentro desse imaginário? Para as escritoras, geralmente, homens brancos, classe média, heterossexuais; para as leitoras, a diversidade cresce, porém a literatura apresentada, provavelmente, tem como público-alvo, no imaginário da maioria das pessoas, ainda que inconscientemente, leitoras brancas.

Nesse sentido, o que proponho aqui é uma mudança de paradigma, trazer uma escrita que desafie as leitoras, possibilitando a crença de que:

O sonho, a alegria, pelo conhecimento através do livro, levam seus leitores ao direito de sonhar, e a seus estudiosos à busca de traços que levem ao encontro de novas autorias que narrem a luta diária do povo negro pela sobrevivência e ao reforço de uma narrativa com autoria claramente negra. (Salgueiro, 2020, p. 102)

Quero a escrita que desafie as leitoras a conhecer, ler, estudar, ensinar e apresentar pessoas com literatura escrita por mãos negras. E, na sequência, pretendo apresentar alguns textos literários que falam da existência de mulheres, crianças, jovens e homens negros.

Revista Linguagem, Ensino e Educação, Criciúma, v. 9, n.2, jul. dez. 2025

Nessa perspectiva, volto à epígrafe desta seção. Apresentar a literatura negra a partir de um poema de Conceição Evaristo, referendando Abdias Nascimento, é pensar muitas escritoras negras que, desde Maria Firmina dos Reis², vêm pautando o protagonismo negro na literatura brasileira. Abdias marca a história negra brasileira como militante: na arte, na cultura e na política.

[...]

A sua luz
cor negra zagaia
feriu a branca consciência
de uma democracia racial
nula e vil.

[...] (Evaristo, 2017, p. 57)

Abdias rompe com o mito da democracia racial, com as meias verdades e escancara as desigualdades. Ele, político, escritor e, principalmente, um militante, apesar de desconhecido para muitos, a exemplo de Luiz Gama, Maria Firmina dos Reis, Cruz e Sousa, Machado de Assis, Solano Trindade, Antonieta de Barros, Cristiane Sobral e tantas outras, eterniza-se na luta dos descendentes de africanos. Essas escritoras constituem um repertório de personalidades, as quais são protagonistas, escrevem e descrevem protagonistas negras brasileiras, aquelas que não se encontram nas bibliotecas e livrarias do País, mas resistem no imaginário dos inúmeros movimentos negros, nas mulheres negras em movimento, que reiteradamente visibilizam as personalidades negras que marcaram e marcam a história e a cultura brasileira:

[...]

Um homem como Abdias,
estrela nascimento,
Zumbi eternizado,
não morre.

[...]

A sua luta
Ziguezagueia
D'África à diáspora
Espalhando sementes baobás
Em cada uma/um de nós. (ibidem)

A luta de Abdias, de Guerreiro Ramos, de Lélia Gonzalez, de Luiz Gama e tantas outras é semente plantada em nossa memória, não uma semente qualquer, mas

² Escritora negra maranhense, primeira escritora abolicionista.

sementes de baobá, sementes ancestrais, sementes que ousamos continuar espalhando por todas as que vieram antes de nós, por nós e pelos que virão depois.

O diálogo com o poema de Conceição Evaristo permite-nos pensar que Abdias não faz parte das personalidades estudadas em nossas escolas – sem conhecer Abdias, também não se conhece o Teatro Negro Brasileiro, a Frente Negra Brasileira, as parcerias com Guerreiro Ramos... Conhecer Abdias é entrar nas lutas negras das décadas de 1970, 1980 e 1990, que fortaleceram e formalizaram o movimento negro, dando maior visibilidade à luta por direitos da população negra.

Do poema de Conceição Evaristo, homenagem a Abdias Nascimento, reforço o início e o final “Ab(dias) de lutas e não dias de luto [...] Espalhando sementes baobás / Em cada uma/um de nós” – lembrando os dias de luta que fazem com que mulheres e homens negras e negros sigam de cabeça erguida, derrotando um leão por dia; cabeça erguida, nas mãos sementes de resistência, de esperança; sementes derramadas em muitos solos áridos, secos, mas “sementes-resilientes” que desejam ramos-equidade.

A escolha do poema “Dias de Kizomba”, de Conceição Evaristo, não foi casual, pois o poema foi escolhido para iniciar esta seção com Kizomba³ e não com dor, reforçando, assim, que a literatura negra deve ser espaço de ressignificação e não apenas de sofrimento.

É essa literatura negra que precisa chegar aos diferentes espaços de leitura e, como citado anteriormente, levando em conta a autoria. Pesquisadoras tais como Esmeralda Ribeiro, Osvaldo Camargo, Cuti, Abdias Nascimento, Conceição Evaristo, Edimilson de Almeida Pereira, Eduardo de Assis Duarte, Domicio Proença Filho, Eliane Santana Dias Debus e Maria Aparecida Rita Moreira ressaltam a autoria como um dos identificadores da literatura negra. Assim, olhar a pessoa que escreve é o primeiro passo, lembrando que não é o único, para reconhecer uma literatura negra.

O site Literafro – Portal da Literatura Afro-Brasileira está presente na internet desde 13 de dezembro de 2004, sediado no Núcleo de Estudos Interdisciplinares da Alteridade (NEIA), da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Tem como fundadoras e atuais gestoras professoras e estudantes dessa e de outras instituições, integrantes do grupo literafro – Portal da literatura afro-brasileira,

³ Kizomba - (do quimbundo *kizomba*): ritmo típico de Angola, caracterizado pela batida forte; festa, festejo, alegria, diversão. Disponível em <https://ensinarhistoria.com.br/s21/wp-content/uploads/2021/09/Palavras-Africanas.pdf>. Acesso em 18 de out. de 2025.

pesquisas em rede, registrado no CNPq. Além do portal, o grupo vem participando, ao longo destas duas décadas, de inúmeras publicações. Nesse site encontramos mais de 100 escritoras negras brasileiras, e o utilizaremos para apresentar algumas das biografias de escritoras, cujos textos serão apresentados aqui.

Imagem 1- Conceição Evaristo



Fonte: Imagem de Jéssica Maria Policarpo arquivo pessoal de Maria Aparecida Rita Moreira

Maria da Conceição Evaristo de Brito nasceu em Belo Horizonte, em 1946. Estreou na literatura nos Cadernos Negros. Participa de publicações na Alemanha, Inglaterra e Estados Unidos. Seus textos são objeto de estudos de dissertações e tese em todo o Brasil.

Na biografia de Conceição Evaristo apresentada no site do “literafro”⁴, encontramos o depoimento da escritora para o I Colóquio de Escritoras Mineiras Belo Horizonte em Maio de 2009. Acreditando que Maria da Conceição Evaristo Brito é a melhor pessoa para falar de Conceição Evaristo, compartilho alguns excertos do depoimento

Foi em uma ambiência escolar marcada por práticas pedagógicas excelentes para uns, e nefastas para outros, que descobri com mais intensidade a nossa condição de negros e pobres. Geograficamente, no Curso Primário experimentei um “apartaid” escolar. O prédio era uma construção de dois andares. No andar superior, ficavam as classes dos mais adiantados, dos que recebiam medalhas, dos que não repetiam a série, dos que cantavam e dançavam nas festas e das meninas que coroavam Nossa Senhora. O ensino religioso era obrigatório e ali como na igreja os anjos eram loiros, sempre. Passei o Curso Primário, quase todo, desejando ser a luna de umas das salas do andar superior. Minhas irmãs, irmãos, todos os alunos pobres e eu sempre ficávamos alocados nas classes do porão do prédio. Porões da escola, porões dos navios. Entretanto, ao ser muito bem aprovada da terceira para a quarta série, para minha alegria fui colocada em uma sala do andar superior. Situação que desgostou alguns professores. Eu, menina questionadora,

4 Disponível em <https://www.letras.ufmg.br/litera fro/autoras/188-conceicao-evaristo> acesso em 02 jan 2026.

teimosa em me apresentar nos eventos escolares, nos concursos de leitura e redação, nos coros infantis, tudo sem ser convidada, incomodava vários professores, mas também conquistava a simpatia de muitos outros. [...].

[...]

Gosto, entretanto, de enfatizar, não nasci rodeada de livros, do tempo/espaço aprendi desde criança a colher palavras. A nossa casa vazia de bens materiais era habitada por palavras. Mamãe contava, minha tia contava, meu tio velhinho contava, os vizinhos e amigos contavam. Tudo era narrado, tudo era motivo de prosa-poesia, afirmo sempre. Entretanto, ainda asseguro que o mundo da leitura, o da palavra escrita, também me foi apresentado no interior de minha família que, embora constituída por pessoas em sua maioria apenas semi-alfabetizadas, todas eram seduzidas pela leitura e pela escrita. [...]

[...]

Escrevo. Deponho. Um depoimento em que as imagens se confundem, um eu-agora a puxar um eu-menina pelas ruas de Belo Horizonte. E como a escrita e o viver se con(fundem), sigo eu nessa escrevivência a lembrar de algo que escrevi recentemente:

“O olho do sol batia sobre as roupas estendidas no varal e mamãe sorria feliz. Gotículas de água aspergindo a minha vida-menina balançavam ao vento. Pequenas lágrimas dos lençóis. Pedrinhas azuis, pedaços de anil, fiapos de nuvens solitárias caídas do céu eram encontradas ao redor das bacias e tinas das lavagens de roupa. Tudo me causava uma comoção maior. A poesia me visitava e eu nem sabia...” (Conceição Evaristo)

Ler Conceição Evaristo é, no meu entendimento, um encontro com a ambiência poética. Quer na poesia, quer na prosa, ela evoca sentimentos, sensações, toca na vida e nas emoções da leitora. O excerto acima é demonstração dessa linguagem que nos desafia a exploração da estética dos sentidos, desafio este que se apresenta em toda a obra da escritora e que foi minimamente apresentado no poema “Dias de Kizomba”.

Nessa perspectiva poética, presença marcada no site “Literafro” e nos “Cadernos Negros”, emponderando a população negra, destaco a escritora Cristiane Sobral.

Imagem 2 – Cristiane Sobral



Fonte: Imagem de Jéssica Maria Policarpo, arquivo pessoal de Maria Aparecida Rita Moreira

Cristiane Sobral é uma das escritoras que utiliza sua caneta para escrever sobre raça e gênero, interseccionalidade que marca as discussões iniciais desse tema. Cristiane nasceu na zona oeste do Rio de Janeiro, no bairro Coqueiros, em 1974, e hoje mora em Brasília. É escritora e atriz, destacando-se na atuação no curta-metragem *A dança da Espera*, de André Luís Nascimento, no vídeo *A carreira e formação do diplomata*, de André Luís da Cunha, e ainda na apresentação do Programa televisivo do Partido dos Trabalhadores (PT) para o GDF.

Inicia sua escrita nos Cadernos Negros nos anos 2000. Além disso, formou atores para a Cia de Teatro Brenda Kelly e consolidou o trabalho de direção do grupo teatral Cabeça Feita, fundado em 1999, composto por atores negros também graduados pela Universidade de Brasília.

Para falar de Cristiane Sobral, escolhi o poema “Canto para Mãe África”:

Mãe grande
Ouve minha voz decolonial!
África dos doutores de Tumbuctu
África do império Ashanti
África das amazonas do Daomé
África cuja música não é feita somente de tambores
África de sofisticados instrumentos
Como o Khalam e o Korá
África berço da humanidade
Mãe detentora das nossas raízes
Eu te saúdo (Sobral, 2017, p. 56)

A África apresentada por Cristiane Sobral dialoga com as “Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana” (Brasil, 2004). O poema faz referência aos “doutores de Tumbuctu”, e as Diretrizes lembram: “O ensino de Cultura Africana abrangerá: – as contribuições do Egito para a ciência e filosofia ocidentais; – as universidades africanas **Timbuktu**, Gao, Djene que floresciam no século XVI; [...]” (idem, p. 22) (grifo meu), e extrapola as Diretrizes quando traz o “Império Ashanti”, poderoso estado pré-colonial da África Ocidental que existiu entre os séculos XVII e XIX, localizado na região da atual Gana. Foi fundado pelo povo Akan e se tornou rico e influente por meio do comércio de ouro.

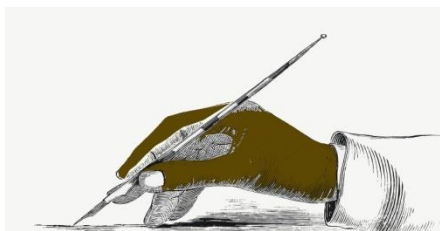
O poema ainda nos permite (re)conhecer as mulheres negras guerreiras, as “Amazonas do Daomé”. Com uma população totalmente militarizada, o reino era o lar de um exército composto por mulheres, conhecido como “Amazonas de Daomé”, que eram consideradas a “Esparta Africana”, por serem vistas como invencíveis em suas

batalhas. Também conhecidas como *Agojie*, eram famosas por sua coragem, habilidades de combate e por serem o único exército composto inteiramente por mulheres, e, ao mesmo tempo, menciona os instrumentos musicais (de corda) “Khalam e o Korá”. (ibidem)

É possível perceber no poema uma quebra da tradição de dor e uma exaltação de potencialidades. Quem será saudada? Em um processo de ancestralidade, reverência e referência, a Mãe África recebe uma homenagem. Um corte poderoso, com abertura para pesquisa, atividades de reconhecimento. É como dizer “dá um Google” e perceber que o Continente Africano não é, nem nunca foi, uma paisagem em branco ou um espaço marcado apenas por animais e extrema pobreza.

Dando continuidade, trago um resumo da biografia de Solano Trindade.

Imagem 3 – Escritor negro



mao-vintage-escrevendo-em-um-vetor-de-ilustracao-de-papel-remixado-de-obras-de-arte-de-dominio-publico
A mão foi pintada no photoshop pela autora

Fonte: https://br.freepik.com/vetores-gratis/mao-vintage-escrevendo-em-um-vetor-de-ilustracao-de-papel-remixado-de-obras-de-arte-de-dominio-publico_17433616.htm

Francisco Solano Trindade nasceu em 24 de julho de 1908, no bairro de São José, em Recife (PE), [...]. Em 1936, entusiasmado com os movimentos em prol da consciência negra que se espalhavam nas principais cidades do País, fundou a Frente Negra Pernambucana e o Centro de Cultura Afro-Brasileira, juntamente com o poeta Ascenso Ferreira. [...]. Ainda em 1936, estreou na literatura com a publicação de *Poemas negros*. Editada em Recife, a coletânea de Solano Trindade polemiza com o livro homônimo do também nordestino Jorge de Lima, lançado no mesmo ano e trazendo a público o discutido poema “Nêga Fulô” [...]. Doente e cansado, Solano Trindade deixou Embu para residir em São Paulo. Terminou seus dias pobre e

esquecido numa clínica no Rio de Janeiro, onde faleceu em 1974, vítima de pneumonia. (Literafro)⁵

Solano Trindade, também conhecido como poeta do povo, destaca-se na poesia com temática racial e social. Seus poemas nos auxiliam na reflexão sobre as implicações do racismo na sociedade e, também, na reflexão sobre as mazelas dos pobres que, em nosso país, são, em sua maioria, os pretos e pardos.

Apresento estrofes do poema “Navio Negroiro”, de Solano Trindade, na tentativa de ressignificar o passado com a poesia

[...]
Lá vem o navio negroiro
Com carga de resistência
Lá vem o navio negroiro
Cheinho de inteligência...
(Trindade, 2007, p.152)

Para que as sementes baobás encontrem terra fértil, é necessário sankofanear,⁶ uma vez que terra, correntes, mar grifaram o caminho dos nossos antepassados com sangue e muita dor, a humanidade nos foi negada e a falta de civilidade nos foi imposta:

Lá vem o navio negroiro
Lá vem ele sobre o mar
Lá vem o navio negroiro
Vamos minha gente olhar...

Lá vem o navio negroiro
Por água brasileira
Lá vem o navio negroiro
Trazendo carga humana...
[...] (ibidem)

É importante frisar que a humanidade nos foi negada, que nossos antepassados foram vendidos como peças e que a história, contada pelo colonizador, normalizou nossa condição de escravos, eximindo-se de seu papel de escravocrata e retirando de si toda e qualquer responsabilidade sobre o processo da escravização e de suas consequências.

⁵ Os dados da biografia de Solano Trindade foram retirados do Site Literafro <https://www.letras.ufmg.br/literafro/autores/429-solano-trindade>. Acesso em 02 jan. 2026.

⁶ A palavra faz referência ao adinkra “Sankofa”, um símbolo africano, representado por um pássaro que olha para trás ou por um coração estilizado, que significa a importância de aprender com o passado para construir um futuro melhor.

Se Castro Alves, em seu famoso poema “O navio negreiro”, estudado nas escolas, fala de um navio negreiro com “Legiões de homens negros como a noite, Horrendos a dançar...”, Solano Trindade, poeta do povo, homem negro, fala de homens negros inteligentes, homens negros que resistem...

[...]
Lá vem o navio negreiro
Com carga de resistência
Lá vem o navio negreiro
Cheinho de inteligência... (ibidem)

Essa história é que reivindicamos⁷, reivindicação que assumo daqueles que vieram antes de mim e que estão presentes em mim nas lutas que escolho lutar hoje, é essa história que precisa ser contada nas escolas. A história de um povo que, sequestrado em diferentes pontos do continente africano, trouxe consigo contribuições em áreas como agricultura, mineração, tecnologia, culinária e cultura.

O que nos foi dito e o que nos foi negado sobre a história do Brasil? A invasão seguida do genocídio do povo indígena ou o descobrimento do Brasil pelos portugueses? A dívida acumulada que o Brasil tem para com a população negra-brasileira por anos de trabalho forçado ou as chicotadas recebidas no tronco? As revoltas, as fugas, a resistência ou a abolição em 13 de maio?

Após questionarmos o que nos foi dito, é importante pensar qual o nosso movimento: a acomodação ou a inquietação? A acomodação nos faz acreditar na inércia do povo negro, a inquietação nos leva a (re)conhecer “o navio negreiro” que veio “Com carga de resistência”, “Cheinho de inteligência...”

“Civilização Branca” é outro poema de Solano Trindade que nos ajuda a pensar o racismo “à brasileira”⁸, que nega oportunidades à população negra-brasileira, mas declara que somos todos iguais (sabendo que não buscamos igualdade, uma vez que não existem duas pessoas iguais, desejamos equidade).

A escolha desse poema se dá por sua força e maestria, pois apresenta uma denúncia que leva a inúmeros diálogos atuais. O poema é intitulado “Civilização Branca”

⁷ A partir desse ponto, usarei a primeira pessoa do plural, lembrando que não estou só. Faço parte de um coletivo que acredita e luta por mudanças.

⁸ Expressão utilizada por Edward Telles em livro intitulado “Racismo à brasileira”, que discute como o racismo está presente na estrutura da sociedade brasileira, afetando o acesso à educação, ao trabalho e ao poder.

Lincharam um homem
entre os arranha-céus/ (li num jornal)
procurei o crime do homem
o crime não estava no homem
estava na cor de sua epiderme...
(Trindade, 2007, p. 144)

O poema de Solano Trindade, de apenas cinco versos, dialoga com a realidade brasileira de hoje, de sempre... O poema nos remete a notícias atuais:

O site do Ministério da Justiça e Segurança Pública⁹, traz notícia datada de 07 de janeiro de 2026, segundo a qual a “Pronasci Juventude amplia atuação nacional e reforça prevenção da violência entre jovens em territórios vulneráveis”. A justificativa para essa ação se apóia no Atlas da Violência 2025 que apresenta os seguintes dados

[...] a morte violenta é a principal causa de óbito entre jovens de 15 a 29 anos no Brasil. Somente em 2023, 34% das mortes nessa faixa etária decorreram de homicídios. Do total de 45.747 homicídios registrados naquele ano, 47,8% vitimaram pessoas de até 29 anos, o que representa 21.856 jovens assassinados — uma média de 60 mortes por dia. O 19º Anuário Brasileiro de Segurança Pública reforça esse cenário ao indicar que, em 2024, 48,5% das vítimas de Mortes Violentas Intencionais eram jovens de até 29 anos.

O que Solano Trindade chama atenção na década de 1990 continua sendo denunciado, porém não se percebe nenhuma ação que impeça o genocídio dos jovens negros¹⁰. Há comoção em alguns casos específicos que ganham a mídia, mas nada que altere a realidade. Vidas negras realmente importam para a população brasileira? Esse debate pode e deve estar presente na sociedade brasileira, e pesquisar os dados e buscar formas de combater a violência racial é urgente.

Djamila Ribeiro (2019), no livro *Pequeno Manual Antirracista*, alerta para a necessidade de combater a violência racial e para a existência de grupos que se organizam para se opor a essas situações, ela escreve:

Como já afirmou a socióloga Denise Ferreira da Silva, o assassinato dos jovens negros deveria criar uma crise ética na sociedade brasileira. [...] No Brasil, existem vários movimentos e organizações engajadas em questionar o modelo punitivista e em combater abusos por parte do Estado, como a Iniciativa Negra, a Rede de proteção e Resistência Contra o Genocídio, o Projeto Movimentos, o Instituto de Defesa do Direito de defesa (IDDD), o Fórum Brasileiro de Segurança Pública, entre outros. Há várias maneiras de apoiar o trabalho dessas pessoas, quer seja financeiramente, divulgando as iniciativas ou comparecendo a eventos e manifestações. (Ribeiro, 2019, p. 103-104)

9 Disponível em <https://www.gov.br/mj/pt-br/assuntos/noticias/pronasci-juventude-amplia-atuacao-nacional-e-reforca-prevencao-da-violencia-entre-jovens-em-territorios-vulneraveis-1>.

10 Nesse ponto, a utilização da preposição seguida do artigo masculino se diferencia do restante do texto, que opta pelo artigo feminino para marcar que são os homens negros que têm sido assassinados no Brasil.

PENÚLTIMAS PALAVRAS

Para encerrar este texto, mas não esta reflexão, pois estamos lidando com um conceito em construção, que se instaura em um momento histórico no qual a sociedade brasileira coloca o racismo estrutural em pauta, destaco que temos de estar atentos à ausência de literatura escrita por pessoas negras com letramento racial nas bibliotecas escolares. Acentuo, também, a importância da inserção de livrarias negras. Nesse sentido, sankofaneando, retomo as palavras de Abdias Nascimento:

Enquanto os objetivos não forem alcançados, eu acho que tem que haver a literatura afro-brasileira, a poesia afro-brasileira, o teatro afro-brasileiro ou teatro negro, porque, do contrário, essa dicotomia, esse passo retardado da comunidade afro-brasileira continuará atrás, porque não há mecanismos para fazer o igualitarismo funcionar. (2011, p. 13)

Abdias Nascimento deixa explícita a importância de se falar sobre literatura negra brasileira. Até quando? Acredito que até o momento em que a literatura brasileira absorver as escritoras negras contemporâneas e as invisibilizadas pela história da literatura.

Atentar, zelar, vigiar sobre literatura negra brasileira, sobre sua adjetivação, categorização, identificadores, sobre a linguagem visual e escrita antirracista, auxilia, preliminarmente e primordialmente, em seu reconhecimento, uma vez que demarca as/os que foram interdidas/os na história da literatura; segundo, na revisão da literatura brasileira, identificando textos literários que corroboraram, por meio da construção de personagens negras estereotipadas, para a manutenção do racismo estrutural; e ainda na percepção de que esta é uma análise que se quer pedagógica, conectada à Lei n. 10.639. Desse modo, portanto, pretendo que educadoras percebam que a interação entre texto e sociedade auxilia as educandas a apreenderem que a leitura crítica de textos literários nos quais as personagens negras são apresentadas como sujeito da trama pode levá-las a olhar para o passado, a refletir sobre o presente e a criar perspectivas sobre o futuro.

Sendo assim, não concluo, interrompo estas considerações, defendendo a leitura de textos escritos por negras brasileiras e a compra e divulgação de livros em editoras que publicam livros dessas escritoras¹¹ como um ato político. Ao mesmo tempo, reforço que literatura negra brasileira não se resume à presença de personagens

¹¹ Cito as editoras: Mazza edições, Malê, Cruz e Sousa, Pallas, Nandyala.

negras e a temáticas relacionada às culturas e à história africanas e/ou negras, mas também a uma narrativa em que o ponto de vista e a linguagem atravessem esse texto, quando a interação do leitor com o texto **desempareda** negras, dando-lhes sensação de leveza e apresenta um descentramento literário, levando o não negro a experienciar um efeito *sankofa*.¹²

REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria Especial de Políticas de Promoção da Igualdade Racial. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana**. Brasília: MEC, 2005.

CUTI. In: DUARTE, Eduardo de Assis (org.). **Literatura e afrodescendência no Brasil: antologia crítica**. v. 4. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011. p. 45–70.

DEBUS, Eliane Santana Dias. **A temática da cultura africana e afro-brasileira na literatura para crianças e jovens**. 1. ed. São Paulo: Cortez, 2017.

DUARTE, Eduardo de Assis. Por um conceito de literatura afro-brasileira. **Terceira Margem: Revista de Pós-Graduação em Ciência da Literatura**, Rio de Janeiro, n. 23, p. 113–129, jul./dez. 2010. Disponível em: <http://www.letas.ufrrj.br/ciencialit>. Acesso em: 28 abr. 2011.

DUARTE, Eduardo de Assis. Por um conceito de literatura afro-brasileira. In: DUARTE, Eduardo de Assis (org.). **Literatura e afrodescendência no Brasil: antologia crítica**. v. 4. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011. p. 375–403.

EVARISTO, Conceição. Ayoluwa, alegria de nosso povo. In: **Cadernos Negros: contos afro-brasileiros**. v. 28. São Paulo: Quilombhoje, 2005. p. 35–39.

EVARISTO, Conceição. Conceição Evaristo. In: DUARTE, Eduardo de Assis (org.). **Literatura e afrodescendência no Brasil: antologia crítica**. v. 4. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011. p. 103–116.

EVARISTO, Conceição. **Poemas da Recoração e Outros Movimentos**. Rio de Janeiro: Malê, 2017.

FONSECA, Maria Nazareth Soares. Literatura negra: os sentidos e as ramificações. In: DUARTE, Eduardo de Assis (org.). **Literatura e afrodescendência no Brasil: antologia crítica**. v. 4. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011. p. 245–277.

12 Símbolo Akan de Gana, que representa a importância de aprender com o passado. Ao mencionar o efeito *sankofa*, quero provocar as pessoas brancas a voltarem ao passado e relacionar as consequências da escravização com o racismo na sociedade atual.

- FONSECA, Maria Nazareth Soares. Cuti. In: DUARTE, Eduardo de Assis (org.). **Literatura e afrodescendência no Brasil: antologia crítica**. v. 4. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011. p. 45–70.
- IANNI, Octávio. Literatura e consciência. In: DUARTE, Eduardo de Assis (org.). **Literatura e afrodescendência no Brasil: antologia crítica**. v. 4. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011. p. 183–198.
- LEAHY-DIOS, Cyana. **Língua e literatura: uma questão de educação?** Campinas: Papyrus, 2001.
- MACHADO, Thayse da Costa; DEBUS, Eliane Santana Dias. Para pensar os identificadores da literatura afro-brasileira nos livros infantis: A menina que tinha um céu na boca, de Júlio Emílio Braz. **Revista Intersaberes**, Curitiba, v. 13, n. 30, p. 580–592, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.22169/revint.v13i30.1444>. Acesso em: 24 set. 2023.
- MOREIRA, Maria Aparecida Rita. **A educação para as relações étnico-raciais e o ensino de literatura no ensino médio: diálogos e silêncios**. 2014. 228 f. Tese (Doutorado em Literatura) – Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão, Programa de Pós-Graduação em Literatura, Florianópolis, 2014. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/123406>. Acesso em: 19 set. 2023.
- NASCIMENTO, Abdias. Abdias Nascimento. In: DUARTE, Eduardo de Assis (org.). **Literatura e afrodescendência no Brasil: antologia crítica**. v. 4. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011. p. 13–27.
- PROENÇA FILHO, Domício. A trajetória do negro na literatura brasileira. In: PEREIRA, Edimilson de Almeida (org.). **Um tigre na floresta dos signos: estudos sobre poesia e demandas sociais no Brasil**. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2010. p. 43–72.
- RABASSA, Gregory. **O negro na ficção brasileira**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1965.
- RIBEIRO, Djamila. **Pequeno manual antirracista**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.
- SALGUEIRO, Maria Aparecida Andrade. Escrivivência: conceito literário de identidade afro-brasileira. In DUARTE, Constância Lima; NUNES, Isabella Rosado. **Escrivivência: a escrita de nós – Reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo**. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020; p. 96 – 113. Disponível em <https://www.itausocial.org.br/wp-content/uploads/2021/04/Escrivivencia-A-Escrita-de-Nos-Conceicao-Evaristo.pdf> Acesso em 25 ago 2025
- SOBRAL, Cristiane. **Terra Negra**. Rio de Janeiro: Malê, 2017

SOUZA, Mariana Silva. **O percurso imagético literário: um olhar para as ilustrações na literatura infantil de temática da cultura africana e afro-brasileira.** 2021. 121 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Paraná, Programa de Pós-Graduação em Educação, Curitiba, 2021. Disponível em: <https://acervodigital.ufpr.br/handle/1884/75888>. Acesso em: 20 set. 2023.

TRINDADE, Solano. **Poemas Antológicos de Solano Trindade.** São Paulo: Editora Nova Alexandria, 2007.